

A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NO PROJETO INFECTOSCHOOL: formação acadêmica, desafios metodológicos e impactos na educação em saúde

Beatryce Sales Santos¹

Sarah Machado Jacintho²

Rafael José de Castro Costa³

André Luiz Machado das Neves⁴

Suanni Lemos de Andrade⁵

Liliane Coelho da Rocha⁶

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência baseado nas reflexões compartilhadas pelos estudantes extensionistas da área de saúde de uma universidade pública, reunidas durante uma roda de conversa realizada no fim do ciclo do projeto, em julho de 2024. A atividade teve como objetivo avaliar a vivência extensionista, identificar aprendizagens adquiridas ao longo do processo e refletir sobre os impactos acadêmicos e pessoais decorrentes da atuação dos discentes no projeto. A roda de conversa, nesse contexto, foi utilizada como instrumento metodológico para sistematizar os sentidos atribuídos pelos participantes à experiência vivida, cujas falas foram analisadas à luz da perspectiva construtivo-interpretativa. Essa ideia parte do entendimento de que o conhecimento é uma construção humana, e não apenas uma apropriação da realidade observada. Os resultados discutem os principais efeitos formativos do projeto, os desafios enfrentados e as sugestões metodológicas para o aprimoramento da iniciativa, evidenciando o papel transformador da extensão universitária como espaço privilegiado de formação crítica e engajada.

PALAVRAS-CHAVE: extensão comunitária; educação em saúde; aprendizagem baseada em experiência; sociedade.

¹ Formação: Graduando em Enfermagem. Instituição: Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: bss.enf21@uea.edu.br

² Formação: Graduando em Odontologia. Instituição: Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: smj.odo21@uea.edu.br

³ Formação: Graduando em Enfermagem. Instituição: Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: rjdc.enf21@uea.edu.br

⁴ Formação: Doutorado em Saúde Coletiva. Instituição: Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: almachado@uea.edu.br

⁵ Formação: Doutorado em Ciências Biológicas. Instituição: Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: slandrade@uea.edu.br

⁶ Formação: Doutorado em Biotecnologia para Saúde. Instituição: Universidade do Estado do Amazonas, E-mail: lcrocha@uea.edu.br

THE EXTENSIONIST EXPERIENCE IN THE INFECTOSCHOOL PROJECT: academic training, methodological challenges, and impacts on health education

ABSTRACT

This article presents an experience report based on reflections shared by extension students in the health field at a public university, gathered during a roundtable discussion held at the end of the project cycle in July 2024. The activity aimed to evaluate the extension experience, identify lessons learned throughout the process, and reflect on the academic and personal impacts resulting from the students' participation in the project. The roundtable discussion, in this context, was used as a methodological tool to systematize the meanings attributed by the participants to the experience, whose statements were analyzed from a constructive-interpretive perspective. This idea stems from the understanding that knowledge is a human construct, not just an appropriation of observed reality. The results discuss the main formative effects of the project, the challenges faced, and methodological suggestions for improving the initiative, highlighting the transformative role of university extension as a privileged space for critical and engaged training.

KEYWORDS: community outreach; health education; experience-based learning; society.

INTRODUÇÃO

A integração entre ensino, pesquisa e extensão é um dos pilares fundamentais da universidade pública brasileira, promovendo a formação integral dos estudantes e fortalecendo os vínculos com a comunidade. Nesse contexto, os projetos de extensão desempenham um papel estratégico na consolidação de práticas educativas dialógicas, especialmente quando estruturados a partir de metodologias participativas que valorizam a escuta, a experiência e a construção coletiva do conhecimento. Além de fortalecer a relação com a sociedade, essas ações têm se mostrado essenciais para o desenvolvimento de competências acadêmicas e profissionais (Nascimento *et al.*, 2019).

As ações extensionistas buscam promover a integração entre teoria e prática. No estudo de Sousa e Brandão (2024), a partir de avaliações realizadas ao longo de três anos no Ceará, demonstrou-se que a participação em atividades extensionistas contribuiu significativamente para a consolidação da aprendizagem teórica, o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia, da capacidade de trabalho em equipe e da aproximação

com a realidade sociocultural dos territórios atendidos. Esses resultados evidenciam o papel transformador da extensão universitária na formação cidadã e profissional dos discentes, ao proporcionar experiências educativas fundamentadas na dialogicidade, na vivência concreta e na construção coletiva do conhecimento.

Dessa forma, os projetos de extensão podem ter efeitos no desenvolvimento profissional de universitários, na consolidação de práticas lúdicas e educativas, principalmente quando estruturados por meio de uma metodologia participativa, em valorização da escuta, compartilhamento de experiências e construção coletiva de conhecimentos (Musselin *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2021).

Este artigo, parte do projeto de extensão *Infectoschool*: educação em saúde no ensino básico e médio para prevenção de doenças infectoparasitárias, desenvolvido por estudantes dos cursos de Enfermagem, Odontologia e Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que buscou integrar o conhecimento técnico-científico da universidade às práticas pedagógicas de prevenção junto a escolares do Ensino Fundamental e Médio, é um relato de experiência baseado nas reflexões compartilhadas pelos estudantes extensionistas durante uma roda de conversa realizada no fim do ciclo do projeto, em julho de 2024. Ao longo das ações, os extensionistas participaram do planejamento, execução e avaliação das atividades educativas, vivenciando uma formação marcada por desafios logísticos, criatividade metodológica e intercâmbios intergeracionais.

Nesse contexto, o artigo tem por objetivo avaliar a vivência extensionista, identificar aprendizagens e refletir sobre os impactos acadêmicos e pessoais decorrentes da atuação no projeto.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma análise qualitativa de um relato de experiência, fundamentada na escuta e na reflexão sobre as vivências de estudantes da área da saúde em um projeto de extensão universitária.

A abordagem qualitativa busca compreender os significados, sentidos e interpretações que os sujeitos atribuem às suas experiências, práticas e contextos,

valorizando a subjetividade, a escuta e a complexidade dos fenômenos sociais. Como destaca Minayo (2001), trata-se de um tipo de investigação que reconhece o caráter construído do conhecimento e que se orienta pelo compromisso com a compreensão do humano em sua totalidade, o que a torna especialmente adequada para estudos voltados à educação, à saúde e à extensão universitária.

2.2 Contexto da pesquisa

O estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de extensão *Infectoschool*: educação em saúde no ensino básico e médio para prevenção de doenças infectoparasitárias, vinculado à Escola de Ciências da Saúde (ESA) da UEA. O projeto realizou ações educativas em instituições de Ensino Fundamental e Médio, com o objetivo de promover a prevenção de infecções parasitárias por meio de metodologias participativas.

O projeto foi realizado entre agosto de 2023 e julho de 2024, durante o período letivo das escolas públicas municipais e estaduais, contemplando três instituições. Ao todo, foram realizadas 18 ações, alcançando 309 alunos.

2.3 Participantes

Participaram da etapa de avaliação reflexiva da experiência extensionista 16 estudantes universitários dos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia da UEA, com idades entre 18 e 24 anos, de períodos que variaram do quinto ao sétimo, que integraram as ações do projeto no período de 2023 a 2024. A participação foi voluntária, sem critérios de exclusão, abrangendo todos os que estiveram ativamente envolvidos nas atividades educativas e que concordaram em compartilhar suas impressões durante a roda de conversa.

2.4 Procedimentos de produção dos dados

A coleta dos dados foi realizada por meio de uma roda de conversa conduzida no fim do ciclo de atividades do projeto, em julho de 2024. A roda de conversa é um método

que tem como foco a escuta ativa, o compartilhamento de saberes e a reflexão a partir de experiências individuais e coletivas, permitindo a sistematização dos conhecimentos construídos no grupo (Pinheiro, 2020).

Trata-se de uma estratégia que possibilita a construção de sentidos por meio da interação entre os participantes, sendo especialmente adequada em contextos educacionais e extensionistas, nos quais se valorizam o diálogo horizontal e a troca de saberes. No âmbito da formação em saúde, a roda de conversa se mostra eficaz para estimular a reflexão crítica sobre as práticas vivenciadas, fortalecer os vínculos entre discentes e docentes e promover uma aprendizagem significativa, ancorada na realidade social e cultural dos sujeitos envolvidos (Oliveira; Gama, 2024).

A atividade foi conduzida pelas duas professoras coordenadoras do projeto, teve duração aproximada de duas horas e ocorreu presencialmente, em sala de aula na ESA/UEA.

A roda de conversa foi gravada em áudio com autorização dos participantes e, posteriormente, transcrita na íntegra para análise. A condução foi guiada por um roteiro de questões disparadoras que abordava motivações para participar do projeto, aprendizados adquiridos, desafios enfrentados e sugestões para aprimoramento da experiência extensionista.

2.5 Técnica de análise dos dados

A análise das informações foi orientada pela perspectiva construtivo-interpretativa de González Rey (2003, 2011), a qual entende a realidade como um conjunto ilimitado e dinâmico de campos que se interligam de maneira complexa. Nessa concepção, a investigação permite apenas aproximações parciais desse todo, não sendo possível apreendê-lo em sua totalidade. Com base nesse pressuposto, o conhecimento é compreendido como fruto de um processo humano de construção e interpretação, e não como a simples captação linear e direta dos fatos observados.

O percurso analítico foi delineado a partir das seguintes etapas: (a) **transcrição do áudio do grupo focal**, que permitiu um primeiro contato com o diálogo estabelecido, favorecendo uma avaliação inicial do processo e a elaboração de interpretações preliminares sobre o conteúdo obtido; (b) **leitura exploratória e organização do**

material transcrito, caracterizando uma pré-análise voltada à identificação e marcação de elementos considerados relevantes, orientada pelo referencial teórico definido desde o início da investigação, reconhecendo que a construção ativa do conhecimento permeia todo o percurso da pesquisa; (c) **leitura sistemática**, que possibilitou reconhecer os indicadores entendidos como “elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador, ou seja, sua significação não é acessível de forma direta à experiência, nem aparece em sistema de correlação” (González Rey, 2011, p. 112). Esses indicadores se constituem a partir de informações implícitas e indiretas, não permitindo conclusões imediatas, mas representando um momento hipotético no processo de produção da informação; (d) com base na identificação dos indicadores, procedeu-se à **construção das categorias temáticas**, que representam a síntese interpretativa do material analisado.

A partir da leitura reiterada dos depoimentos, foram construídas três categorias empíricas: (1) dimensão formativa e impactos pessoais; (2) desafios operacionais e limitações estruturais; (3) contribuições metodológicas e sugestões para o futuro.

A análise foi conduzida de forma colaborativa entre os autores, utilizando estratégias de validação por pares para assegurar a validade e a confiabilidade dos achados. Inicialmente, mais de um pesquisador realizou a identificação de indicadores das transcrições do grupo focal, para identificar temas, padrões e significados presentes nas falas dos estudantes. Em seguida, as categorias e interpretações foram comparadas e discutidas pela equipe até se alcançar consenso. Todo o conteúdo do manuscrito passou por revisão cruzada interna, garantindo coerência entre objetivos, métodos e resultados. Além disso, as interpretações foram constantemente confrontadas com a literatura e com referenciais teóricos, com vistas à densidade da análise.

As falas foram identificadas por um código composto por gênero, curso e período, exemplo: M_Odo_7 (gênero - masculino; curso - odontologia; período - sétimo).

2.6 Considerações éticas

O estudo respeitou os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e autorizaram a gravação de suas falas, mediante assinatura

do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisas com seres humanos sob o número do parecer 7.576.456.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Dimensão formativa e impactos pessoais: “aplicar o conhecimento que tenho na prática, para pessoas”

Os relatos compartilhados na roda de conversa revelam que a participação no projeto *Infectoschool* foi vivida como um processo formativo intenso, que atravessou os estudantes em diferentes dimensões: intelectual, comunicacional, emocional e ética. Longe de ser apenas uma prática complementar, a extensão foi narrada como um território de transformação e aprendizado vívido, no qual teoria e prática se entrelaçam por meio da experiência concreta. A extensão desempenha um papel crucial não apenas na formação profissional e humanística, mas também na transformação social, reforçando o desejo dos estudantes de ultrapassar o nível teórico e atuar como agentes efetivos de educação e cuidado no mundo real (Santana *et al.*, 2021).

As motivações para integrar o projeto emergem conectadas ao desejo de “aplicar o conhecimento que tenho na prática, para pessoas” (F_Enf_7), como declarou um dos estudantes. Essa frase, embora simples, expressa uma tensão formativa comum no Ensino Superior em saúde: o desejo de transpor a barreira da abstração e se tornar agente de cuidado e educação na vida real (Santana *et al.*, 2021). A atuação direta com crianças e adolescentes foi vista como oportunidade importante: “Minhas expectativas para esse projeto foram, sim, atendidas, pela vontade de transmitir esse conhecimento que eu trouxe da faculdade para o público [...] e eu consegui, nesse projeto, esticar minha capacidade de dialogar com várias faixas etárias” (F_Odo_7).

Esse “esticar” da capacidade, expressão que carrega o esforço de adaptação, parece revelar o processo de deslocamento necessário para que o discurso técnico se traduza em linguagem acessível para as pessoas. Os estudantes precisaram lidar com diferentes repertórios, corporalidades e modos de atenção, o que exigiu reformulações constantes. Nesse processo, foram afetados também por aquilo que ensinaram, como demonstra a memória de reencontro com um aluno:

A gente teve a oportunidade de reencontrar essa criança em outra série [...]. Em meio a muitos alunos, eu escutei aquele menininho falando pro amigo do lado: ‘Ah, porque esse pessoal aqui da faculdade eu já sei essa peça deles, eles já falaram ano passado’. Então me marcou muito, porque eu percebi que o que a gente fez foi uma coisa que deixou uma memória (F_Odo_6).

Essa fala mostra que os estudantes passaram a se perceber como produtores de experiências significativas vividas com a prática extensionista. Jager *et al.* (2021) reforçam esse papel da extensão universitária que articula teoria e prática, criando um espaço privilegiado que favorece uma leitura crítica sobre os contextos sociais e culturais em que as ações acontecem. A dimensão afetiva da formação também aparece fortemente quando os extensionistas se identificam como figuras de referência para os mais jovens: “Eu vi as crianças nos olhando como se fôssemos espelhos, como expectativas de um futuro pra elas [...] assim como na nossa época nós víamos os palestrantes nas nossas escolas” (F_Odo_7).

A noção de “espelho” aqui não é meramente simbólica: ela aponta para a produção de vínculo, de admiração e de reconhecimento, em que o universitário é visto como possível futuro, e o presente da criança é, por sua vez, valorizado como espaço de aprendizagem e construção de sentido (Archer; Dewitt, 2021; Rethman *et al.*, 2021).

Outro aspecto marcante da dimensão formativa diz respeito à superação de barreiras subjetivas, como a timidez e a insegurança diante do público. Uma participante destaca: “Acrecentou de eu ter esse contato com outro público [...] eu não sou muito de falar. Uma coisa aqui que eu aprendi é de ter uma outra perspectiva [...] poder aprender a passar um conhecimento que eu tive” (M_Enf_7).

Esse exercício de tradução de saberes, de linguagens, de posturas pareceu constitutivo da experiência extensionista e opera como um dispositivo de subjetivação, que afeta a maneira como o estudante se reconhece como educador e como agente de saúde (Araújo; Cruz, 2022; Santana *et al.*, 2021). Em outro trecho, uma aluna resume essa vivência de forma enfática: “Eu senti que na prática estava exercendo o que eu mais gosto de fazer, que é justamente educação em saúde [...] essa coisa de pegar o conhecimento teórico e conseguir passar pra outras pessoas que dificilmente podem ter contato com esse tipo de conteúdo” (M_Enf_7).

Trata-se de um deslocamento que não é apenas técnico, mas também ético e político: transmitir saberes não apenas para cumprir uma função, mas para compartilhar

aquilo que circula de forma desigual no tecido social. A extensão, nesse caso, operou como mediação entre universidade e território, entre saber e experiência, entre formação e transformação. Essa articulação entre universidade e movimento social configura a extensão como mediação dialógica capaz de promover transformação no tecido social, alinhando-se à perspectiva de que a extensão não se limita ao técnico, mas cruza dimensões éticas e políticas de cuidado coletivo (Oliveira Júnior; Espejo, 2024).

3.2 Desafios operacionais e limitações estruturais

Ao lado dos efeitos formativos e afetivos, os estudantes também narraram obstáculos importantes vivenciados ao longo do projeto, que incidiram diretamente na organização das atividades e no alcance de suas expectativas. Esses desafios não foram percebidos apenas como falhas pontuais, mas como elementos estruturais da experiência, que interferiram tanto na execução das ações quanto no envolvimento subjetivo dos participantes.

A dimensão material aparece de forma recorrente nas falas, sobretudo em relação à falta de financiamento e à precariedade na execução das propostas. Um estudante relatou: “Nem todas minhas expectativas foram atendidas [...] uma das maiores expectativas que a gente tinha era com relação à realização do teatro. A expectativa foi quebrada, pois planejamos algo grandioso e acabou não sendo, devido aos atrasos no pagamento e orçamento no geral” (F_Odo_6).

O teatro, que havia sido concebido como ferramenta central na mediação pedagógica com os escolares, precisou ser adaptado às condições possíveis, com fantasias improvisadas e materiais de baixo custo. Isso não apenas afetou a estética e o impacto visual da atividade, mas frustrou o investimento simbólico que os estudantes haviam depositado no processo criativo.

Outro aspecto fortemente mencionado foi a dificuldade de articulação entre a Universidade e as instituições de ensino. A relação com as escolas parceiras foi marcada por desencontros de agenda, comunicação falha e baixa previsibilidade do público-alvo, como relata um dos participantes: “Tínhamos uma expectativa de número, passado pela escola, e às vezes, quando chegávamos, esse número não era o certo [...] o que foi uma grande dificuldade nossa” (M_Enf_7).

Mesmo com cronogramas assinados e acordos prévios, os estudantes relataram chegar às escolas e se deparar com salas vazias, turmas ausentes ou tempo reduzido para desenvolver as atividades previstas. Um dos participantes enfatizou: “Apesar de ter marcado antecipadamente com ele (gestor escolar), descobrimos que não conseguíramos atender toda a gama dos alunos mesmo com o cronograma sendo assinado e aprovado pelo mesmo” (M_Enf_7).

Esses relatos revelam não apenas falhas logísticas, mas uma fragilidade na institucionalização da extensão como política integrada entre universidade e rede básica de ensino. A falta de articulação sistemática compromete a continuidade, a profundidade e a legitimidade das ações, impondo aos extensionistas uma constante improvisação.

Em nível mais subjetivo, os estudantes também enfrentaram desafios pessoais e afetivos que atravessaram sua atuação. A timidez diante do público infantojuvenil, o nervosismo na hora de falar, o esforço para manter a atenção das crianças em ambientes barulhentos ou pouco estruturados foram apontados como barreiras concretas no cotidiano da ação. Uma participante descreve: “Lembro que tive que elevar minha voz, não de uma forma grosseira, mas para chamar a atenção deles, e a gente não conseguia chamar atenção deles e falar de uma forma descontraída para ver se a gente conseguia prender a atenção” (M_Enf_7).

Além disso, a atividade permitiu que viessem à tona elementos de ordem íntima e emocional, como o impacto do luto vivenciado por um dos estudantes durante o projeto. Ele compartilhou: “Demonstrar que eu estava bem, eu não consegui, então essa foi uma situação muito marcante que aconteceu na minha vida e que aconteceu no *Infectoschool*” (F_Med_5).

Essa fala é significativa não apenas pelo conteúdo emocional, mas por indicar como o envolvimento com o projeto mobilizou camadas profundas da experiência pessoal. A extensão, nesse caso, não se limita ao campo pedagógico, mas atua também como espaço de expressão de dores, limites e afetos que nem sempre são reconhecidos ou acolhidos institucionalmente.

Os desafios narrados, portanto, não são apenas obstáculos a serem superados, mas elementos constitutivos da própria experiência formativa. Eles tensionam o ideal da extensão como lugar plenamente dialógico e revelam as contradições vividas pelos

estudantes ao tentar implementar ações em contextos marcados por precariedades históricas e estruturais.

3.3 Contribuições metodológicas e sugestões para o futuro

A atividade em análise não se limitou a uma avaliação descritiva da experiência. Ela funcionou também como espaço de criação coletiva e produção de conhecimento prático, em que os estudantes formularam críticas, revisaram escolhas metodológicas e propuseram novos caminhos para aprimorar a atuação extensionista em ciclos futuros. Suas falas, longe de se restringirem a observações pontuais, expressam uma capacidade reflexiva madura e implicada com o campo da educação em saúde.

Uma das primeiras críticas recaiu sobre o uso de palestras tradicionais com turmas do Ensino Fundamental, especialmente do quinto e nono anos. Segundo os participantes, essa estratégia revelou-se pouco eficaz diante do perfil e da atenção dos estudantes. Uma das extensionistas afirmou: “A gente viu que quinto e nono ano, trazer uma palestra, por mais que a gente tenha trazido um quiz ou um microscópio, eles tinham essa dificuldade de prestar atenção na gente” (F_Enf_7).

Essa observação não aparece como lamento, mas como ponto de partida para a invenção de outras metodologias mais interativas e adequadas às faixas etárias envolvidas. Os participantes propuseram o uso de jogos, simulações, atividades manuais e materiais concretos, como forma de traduzir o conhecimento microbiológico em algo visual e tátil. Um dos estudantes apontou: “Enxergar a estrutura do fungo é uma coisa muito abstrata para entender o que é aquilo e onde eles encontram. Então pensamos em fazer esculturas com massinha, recortes, desenhos, algo que ajude eles a visualizar no cotidiano” (F_Odo_6).

Outro grupo sugeriu inverter a lógica tradicional de ensino, começando pela observação prática (com microscópio ou culturas fúngicas) e, só depois, apresentando a teoria. A apostila aqui é em ativar a curiosidade como motor da aprendizagem: “Para Ensino Médio, a gente pensou em mostrar o microscópio logo no início, para instigar a curiosidade e depois explicar o que era” (F_Odo_7).

Além das reformulações pedagógicas, os estudantes também propuseram uma melhor articulação com os professores das escolas, especialmente os docentes de Ciências

e Biologia. Eles argumentaram que esses profissionais já conhecem os perfis das turmas, possuem estratégias de mediação pedagógica mais consolidadas e podem atuar como pontes entre o projeto e a rotina escolar. Essa aproximação, segundo os extensionistas, poderia também ampliar a sustentabilidade das ações após o encerramento do ciclo de extensão.

Outro ponto de crítica metodológica foi direcionado à avaliação dos estudantes da Educação Básica. O uso de formulários com perguntas associativas revelou-se pouco adequado para o quinto ano, devido à dificuldade das crianças em relacionar imagens e enunciados. Uma das professoras mediadoras compartilhou a sugestão dos estudantes: “Imagens associadas a frases, porque vimos que os alunos do quinto ano tinham dificuldade de compreender o enunciado e correlacionar com a imagem da situação apresentada”. (F_Odo_7).

Essas contribuições demonstram uma compreensão crítica não apenas dos conteúdos, mas dos processos de ensino-aprendizagem em si. Ao analisarem os limites das ferramentas utilizadas, os estudantes se colocam como sujeitos pedagógicos conscientes, capazes de pensar o projeto para além da execução, incorporando a experiência como insumo para a reinvenção das práticas.

Mais do que “aprender fazendo”, os extensionistas demonstraram estar refletindo sobre o fazer, construindo um saber pedagógico situado, sensível às diferenças etárias, materiais e culturais dos sujeitos com os quais interagiram. A escuta entre todos os atores envolvidos na atividade extensionista se transforma, assim, em método. Dessa forma, o conhecimento originário do encontro e diálogo entre os distintos atores (com diferentes saberes e culturas) forma a base do papel da extensão popular que é a construída a partir do papel de todos os envolvidos, em uma perspectiva de construção compartilhada (Araújo; Cruz, 2022).

Os resultados evidenciam que a participação dos extensionistas no projeto *Infectoschool* não se restringiu à aplicação de conteúdos acadêmicos em ambientes escolares, mas se configurou como um processo de formação integral, atravessando dimensões técnicas, comunicacionais, éticas e afetivas. Essa vivência prática aproximou-os de um ideal formativo no qual o conhecimento em saúde deixa de ser um patrimônio restrito à universidade e passa a integrar processos coletivos de cuidado e educação, em consonância com a perspectiva de coprodução do cuidado (Franco; Penido, 2025). Esse

achado dialoga com a noção de protagonismo encontrado em outros estudos com jovens em contextos socioambientais, nos quais a participação direta no trabalho de campo promove a independência, o comprometimento e a responsabilidade social (Silva *et al.*, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência extensionista vivida pelos estudantes no projeto *Infectoschool* evidenciou o potencial formativo da extensão universitária como espaço privilegiado para o desenvolvimento de competências acadêmicas, profissionais e cidadãs. Por meio da atuação direta em contextos escolares, os extensionistas universitários vivenciam desafios concretos relacionados à comunicação, adaptação pedagógica e articulação com diferentes públicos, ao mesmo tempo que puderam refletir criticamente sobre sua formação e seu papel social enquanto futuros profissionais da saúde.

Os dados coletados por meio da roda de conversa demonstraram que a extensão possibilita, além da aplicação do conhecimento teórico em situações práticas, também a emergência de afetos, memórias e transformações subjetivas importantes para a consolidação de uma formação crítica e sensível. As dificuldades enfrentadas no campo como limitações orçamentárias, desencontros institucionais e barreiras comunicativas não inviabilizaram o valor da experiência, mas trouxeram elementos importantes para o aperfeiçoamento do projeto.

As sugestões metodológicas e organizacionais apresentadas pelos participantes revelam a maturidade reflexiva que a vivência propiciou, destacando a importância de se escutar os extensionistas na avaliação das práticas. Mais do que uma simples intervenção pontual, o projeto se configurou como um território de aprendizagem compartilhada, em que universidade e escola se encontram para inventar e reinventar modos de ensinar, aprender e cuidar.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Renan Soares; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Reflexões epistemológicas sobre a extensão universitária: contribuições ao diálogo de saberes. **Linhas Críticas**, [s. l.], v. 28, p. 8-17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36816>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ARCHER, Martin; DEWITT, Jennifer. Thanks for helping me find my enthusiasm for physics!. The lasting impacts ‘research in schools’ projects can have on students, teachers, and schools, Geosci. Commun. **Discuss., in review**, [s. l.], v. 4, p. 169–188, 2021. Disponível em: <https://gc.copernicus.org/articles/4/169/2021/gc-4-169-2021.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadores de pesquisas envolvendo seres humanos e revoga as Resoluções CNS 196/96... Brasília, DF: CNS, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.

FRANCO, Ana Clara Rocha; PENIDO, Cláudia Maria Figueiras. Coprodução de autonomia na Atenção Primária à Saúde. **Saúde e Sociedade**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 1-12, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902025240363pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. A subjetividade e seu significado atual na construção do pensamento psicológico. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico cultural**. São Paulo: Thomson, 2003. p. 199-265.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. Pesquisa qualitativa em psicologia: **Caminhos e desafios**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson, 2011.

JAGER, Márcia Elisa *et al.* Formação em psicologia e práticas extensionistas: relato de uma experiência universitária. **Linhas Críticas**, [s. l.], v. 27, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35340>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: https://www/faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em: 10 ago. 2025.

MUSSELIN, Lidiane *et al.* Ação extensionista de cuidado à saúde: a influência na formação profissional de estudantes diplomados. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 27, n. 2, p. 26-39, 2020. Disponível em: <https://univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/2343>. Acesso em: 10 ago. 2025.

NASCIMENTO, Florêncio Gamileira *et al.* Reflexões sobre extensão universitária nos cursos de graduação da saúde a partir da produção científica brasileira. **Saúde em Redes**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 207-226, 2019. Disponível em: <https://revista.redeunida.org.br/index.php/rede-unida/article/view/2295>. Acesso em: 10 ago. 2025.

OLIVEIRA Andréia *et al.* A extensão universitária e a importância de processos participativos em saúde mental. **Revista Serv. Soc. & Saúde**, [s. l.], v. 20, e021008, 2021. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8665231/27950>. Acesso em: 15 ago. 2025.

OLIVEIRA JÚNIOR, Oseias Freitas de; ESPEJO, Márcia Maria dos Santos Bortolocci. Extensão universitária: uma análise do estado da arte sobre a relação entre universidade e sociedade visando à inclusão social. **Administração, Ensino e Pesquisa**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 4-34, 2024. Disponível em:
<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/2425>. Acesso em: 09 jul. 2025.

OLIVEIRA, Michele Mandagara *et al.* Formação profissional e extensão universitária: experiência de um projeto de extensão na Zona Sul do Rio Grande do Sul. **Expressa Extensão**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 90-96, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/18052>. Acesso em: 10 de jul. 2025

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [s. l.], v. 13, n. 2, 2024. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/71286>. Acesso em 15 de agosto de 2025.

PINHEIRO, Leandra Rogério. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 31, p. 1-30, 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041>. Acesso em: 05 jul. 2025.

RETHMAN, Callie *et al.* Creating a physicist: the impact of informal programs on university student development. **arXiv preprint**, [s. l.], p. 1-15, 2021. Disponível em:
<https://arxiv.org/abs/2012.13981>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SANTANA, Regis Rodrigues *et al.* Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 46, n. 2, p. 1-17, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623698702>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SILVA, Iolete Ribeiro da *et al.* Vivências de protagonismo socioambiental por jovens: implicações na constituição do sujeito ético-político. **Temas em psicologia**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 617-621, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-04Pt>. Acesso em 15 ago. 2025.

SOUZA, Angélica Almeida; BRANDÃO, Pamela de Medeiros. As contribuições do Programa de Integração Ensino e Extensão (PEEX) na formação de estudantes de graduação da Universidade Federal do Cariri (UFCA). **Em Extensão**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 88-108, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REE-2024-72539>. Acesso em: 21 jul. 2025.